



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Miriam Aquino

Conheci Miriam Aquino em um momento de grandes esperanças para o Brasil e para Brasília, no fim da década de 1970, com a derrocada do longo período de ditadura militar e o arejamento dos ventos da redemocratização. Trabalhamos juntos em várias redações e participamos de ações que ensaiavam a afirmação cultural da cidade. Ela era sempre uma presença suave, educada, bem-humorada, inteligente e delicadamente firme. Sabia

dizer sim e não.

Se, na década de 1970, Brasília foi uma cidade cinzenta, em razão do cerceamento imposto pelo regime de exceção instalado a partir de 1964, na década de 1980, ela seria efervescente, lísergica, audaciosa, solar, prazerosa e feliz. No caso, a felicidade não decorria de uma ordem compulsória ou da alienação, mas, sim, da alegria de criar, experimentar e arriscar.

Hugo Rodas, a turma do rock da era de ouro da década de 1980, os irmãos Ferreira, Vladimir Carvalho, Nicolas Behr, Francisco Alvim, Concertos Cabeças, Wagner Hermusche, Galeno, Athos Bulcão, o Pacotão, Reynaldo Jardim. A cidade fervilhava.

Menciono o contexto porque acho

que Miriam é fruto desse movimento de luta pela democracia, que lhe legou o amor pela cultura, a solidariedade, a consciência social, o espírito de combate e o senso de humor. O **Correio** publicou uma foto dela com outras moças no Pacotão, que formavam o bloquinho das Gatinhas das Eleições Diretas. Era uma resistência pacífica por meio da cultura.

Lembro de termos organizado um movimento pela distribuição mais equânine de verbas para a cultura, de forrós no Boi do seu Teodoro, de saraus no Bar Cafofo da 407 Norte, de festas no Clube da Imprensa e pela manutenção do prédio do antigo Cine Cultura da W3 507 Sul (sede da Semana de Cinema, coordenada pelo crítico Paulo

Emílio Sales Gomes que, em seguida, se desdobrou no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro).

Mas ela não apenas organizava, fazia a festa, caía na dança. Com olhos de brilho intenso, era muito bonita e foi considerada, à sua revelia, musa da redação, em vários lugares por onde passou. Permanecia sempre a mesma pessoa simples, despojada e alheia a poses.

Depois, nos perdemos um do outro, como ocorre com tantas vezes na vida. Li que Miriam se tornou uma empresária bem-sucedida no ramo da telecomunicações e os que trabalharam com ela destacam as qualidades da mesma pessoa que conheci agregadora, de afetuosidade cálida, de espírito positivo e construtivo. Sempre que me lembrava

dela pensava que era uma pessoa que teria prazer de rever, de saber notícias, de saber dos filhos, conversar, contar piada e rir muito.

A morte não melhora ninguém, sentenciou Mario Quintana. Contudo, no caso, não precisava. Miriam Aquino era uma pessoa da mais alta qualidade humana. Nos deixou aos 64 anos, na segunda-feira, ainda cedo para o atual padrão de longevidade da vida. Foi um privilégio conviver com ela.

Essa partida inesperada me reacendeu o alerta para cultivar, aproveitar e reverenciar, com maior cuidado, as pessoas que me são preciosas, pois como diz Caetano Veloso, em palavras de poeta, “é preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte.”

SAÚDE

A luta diária contra o Alzheimer

Doença afeta a memória, a fala e o comportamento de idosos. Cuidar dos pacientes requer muita dedicação dos familiares que acham que a rede pública de saúde precisa aprimorar o tratamento dessas pessoas

» CARLOS SILVA

Imagine perder-se em um labirinto sem mapa, onde as paredes são feitas de esquecimentos. A cada passo, você tem roubada de si a capacidade de reconhecer rostos familiares, de lembrar histórias que marcaram sua vida e, até mesmo, de encontrar as palavras certas para expressar os sentimentos. Apesar de parecer algo saído de um filme, é um drama real, conhecido como Doença de Alzheimer, transtorno neurodegenerativo que afeta a memória, a fala e o comportamento. A condição acomete ao menos 1,7 milhão de brasileiros com 60 anos ou mais, conforme dados do Ministério da Saúde.

A maioria dos que têm um familiar afetado pela doença busca na rede pública de saúde um apoio para cuidar desses pacientes. O especialista em audiovisual Osires Reis, 44 anos, é um deles. Em 2018, a mãe do morador de Samambaia, Maria Sousa, 70, foi diagnosticada com Alzheimer. O tratamento, iniciado no Instituto de Saúde Mental, passou por diferentes unidades até chegar à Unidade Básica de Saúde (UBS) de Samambaia, onde ela é atendida atualmente.

“Minha mãe tratava bipolaridade desde os anos 1990, então, os primeiros sinais de confusão mental e esquecimento foram associados à falta de adesão à terapia. Apenas em 2017, constatamos que a bipolaridade estava estabilizada e que a memória tinha piorado”, recorda.



Marisa de Souza Alonso, 69, cuida da mãe Vilma de Souza, 93, em casa



Osires Reis com a mãe, Dona Conceição: “Precisamos de mais profissionais especializados”

Na época, a gravidade do quadro exigiu o uso imediato de memantina, um medicamento não disponível no Sistema Único de Saúde (SUS), o que gerou desafios financeiros. Além do custo, Osires relata dificuldades na rede pública, como a falta de profissionais especializados e a demora para conseguir consultas e exames. “Precisaríamos de mais neurologistas, gerontólogos e psicólogos, além de cursos sobre como lidar com a doença. Também seria fundamental que a UBS oferecesse cuidadores domiciliares”, disse.

Medicação

A aposentada Marisa de Souza Alonso, 69, é a principal responsável pelos cuidados com a mãe, Vilma de Souza, 93, diagnosticada com Alzheimer em 2018. Aos 93 anos, Vilma vive com Marisa e a família no Lago Sul, em Brasília.

Segundo Marisa, os maiores problemas incluem o acesso aos medicamentos nas farmácias da rede pública, como a memantina, e outros fármacos necessários para o controle de sintomas secundários, como crises de raiva e de insônia. “Muitos dos medicamentos específicos também não são encontrados facilmente na Farmácia Popular”, afirmou.

Ela defende um maior investimento em remédios, gratuitos ou subsidiados, indicados para doenças neurodegenerativas. “Essa condição é malvada. Desconecta o doente da família ainda em vida. Melhorar a disponibilidade de remédios seria um passo importante”, finalizou.

Cenário incerto

Hoje, o SUS oferece gratuitamente tratamento e monitoramento da evolução da enfermidade. Entretanto, o acesso nem sempre é garantido à população. O neurologista Carlos Valência — especialista em Neurologia Cognitiva no Hospital de Base —, apontou a defasagem na estrutura do DF para lidar com o aumento de casos de doenças neurodegenerativas. “A estrutura atual é insuficiente diante da crescente demanda, dos desafios do envelhecimento populacional e do aumento de incidência de doenças crônicas”, ressaltou.

De acordo com o médico, algumas soluções existentes demonstram alta eficácia em seus tratamentos, mas precisam ser ampliadas. “Falta articulação para aproveitar melhor os recursos

humanos e a infraestrutura disponíveis. Além disso, o programa da Secretaria de Saúde (SES-DF) que fornece medicamentos para tratar sintomas relacionados às demências, por meio da farmácia de alto custo, é uma iniciativa importante no cuidado desses pacientes”, avaliou

Saúde

Em nota, SES-DF disse que oferece suporte nas unidades de atenção primária e nos ambulatórios especializados em geriatria, neurologia e psiquiatria das policlínicas. Além do atendimento médico, algumas dessas unidades têm equipes multiprofissionais, incluindo psicólogos, fisioterapeutas, nutricionistas e terapeutas ocupacionais, para tratar os idosos com Alzheimer e outras demências.

Quanto ao acesso aos remédios, a SES-DF informa que aqueles aprovados pela Anvisa ao tratamento da doença estão disponíveis nas Farmácias de Alto Custo do Distrito Federal. A orientação a pessoas próximas que notem sinais de prejuízo cognitivo progressivo em parentes, como perda de memória, dificuldade de atenção, desorientação ou alterações de comportamento, é buscar a unidade de saúde de atenção primária mais próxima para avaliação médica inicial. Caso necessário, o médico poderá encaminhar o paciente a uma avaliação especializada.

Cuidados

O diagnóstico precoce do Alzheimer ainda é um dos maiores obstáculos enfrentados por médicos e familiares. Segundo a geriatra Priscilla Mussi, coordenadora de Geriatria do Hospital Santa Lúcia e do Cuidar+, existe uma crença cultural de que falhas de memória são normais em idosos. “Não é normal o idoso esquecer algo que já sabe, como senhas ou receitas. O comum é ter dificuldade em aprender coisas novas”, explica.

Por fim, a geriatra enfatiza a importância da prevenção, com hábitos de alimentação balanceada, atividade física regular e controle de transtornos psiquiátricos, como depressão e ansiedade. “A população precisa estar atenta aos sinais de alerta, como o esquecimento de atividades habituais ou repetição excessiva de assuntos. Esses sintomas devem sempre ser investigados”, conclui.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Hoje, a previsão é de tempo nublado com possibilidade de chuvas

TEMPO

Alerta amarelo para chuvas intensas

» ARTHUR DE SOUZA

O dia nublado e chuvoso que dominou o Distrito Federal, ontem, deve se repetir hoje. Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), durante a manhã, à tarde e à noite, existe a possibilidade de chuvas isoladas e o céu ficará encoberto pelas nuvens durante todo o sábado.

A temperatura mínima deve ficar na casa dos 18°C e a máxima, nos 27°C, hoje. A umidade relativa do ar pode variar entre 95% e 60% (nas horas mais quentes do dia). A tendência é que o mesmo padrão se repita no domingo, com muitas nuvens e pancadas de chuvas e trovoadas isoladas.

Ontem, até às 19h, todas as cinco estações meteorológicas do Inmet registraram, no total, 76,2 mm

de chuvas, sendo que a de Águas Emendadas, em Planaltina, foi a que registrou o maior índice pluviométrico, com 35,8 mm.

Alerta

O Inmet emitiu um alerta amarelo para chuvas intensas — que vai até às 10h de hoje. Com isso, há a possibilidade de que chova entre

20 e 30 mm por hora ou até 50 mm por dia, além de ventos intensos, que podem atingir 60 km/h. Esse cenário faz com que haja risco de corte de energia elétrica, queda de galhos de árvores, alagamentos e de descargas elétricas.

Nesses casos, o instituto orienta não se abrigar debaixo de árvores e não estacionar veículos próximos a torres de transmissão e placas de propaganda. Além disso, deve-se evitar usar aparelhos eletrônicos ligados à tomada.